

De volta à Natureza Selvagem: Imagem e Política nos Protestos Brasileiros de 2013¹

Tarcisio Torres Silva²

PUC-Campinas

Resumo

Assim como outros protestos que as precederam globalmente, as manifestações que ocorreram no Brasil no ano de 2013 produziram uma grande quantidade de imagens que podem ser lidas à luz de um contexto de afeto e engajamento político. Neste trabalho, observamos a forma pela qual as imagens são articuladas dentro de narrativas de subjetivação que ora dialogam com os discursos de poder vigentes e ora transparecem possibilidades para um outro ser político. Neste último caso, identificamos nas imagens em movimento produzidas durante os eventos um potencial particular por revelar amarrações entre a essência natural dos indivíduos e as redes de comunicação por onde circulam.

Palavras-chave: protestos no Brasil, biopolítica, imagem, essência natural, TICs.

Introdução

A Primavera Árabe, nome dado ao conjunto de mobilizações que marcaram a maioria dos países do norte da África no início do ano de 2011, foi o resultado do esgotamento de um modelo econômico, social e político-ditatorial predominante na maioria dos países do norte da África somado ao aumento do uso cívico da TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação). Sobre o assunto, muitos teóricos têm

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Vigilância, Criptografia, Ativismo e Redes Sociais Federadas, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

2 Bacharel em Comunicação Social (ESPM) e Ciências Sociais (USP), mestre em Artes e doutor em Artes Visuais (UNICAMP), com período de estágio no departamento de Estudos Culturais do Goldsmiths College, Universidade de Londres. Professor da PUC-Campinas. tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br

discorrido na tentativa de explicar a importância da comunicação digital para as práticas políticas do mundo contemporâneo.

Nosso interesse nesse artigo é propor uma articulação entre imagem, mobilização social e redes sociais digitais. Assim, é importante notar que o início dos protestos desse período se deu a partir de um vídeo produzida na Tunísia. Trata-se das imagens de Mohamed Bouazizi, jovem vendedor ambulante tunisiano que na manhã de 17 de dezembro de 2010 ateia fogo em si mesmo diante de um prédio do governo. Era a expressão de sua indignação por ser impedido pela polícia de vender suas verduras e frutas na rua, após se recusar a pagar propina. Segundo Manuel Castells (2013:24-25), o primo do manifestante registrou a cena e distribuiu o vídeo pela internet que, seguido de outros suicídios e tentativas de suicídios, estimulou as pessoas a se manifestarem publicamente contra o governo por meio de protestos.

O caso de Bouazizi é bastante significativo para o que iremos explorar nesse artigo, pois além de ser o evento que dá início às manifestações dos países árabes, é também um caso de autoimolação em protesto contra o Estado. Trata-se da politização da vida nua, quando toda e qualquer forma de mediação social se esvai, restando ao corpo a tarefa de expressar-se politicamente. Esse corpo, que tão frequentemente observamos em ação performática nos protestos contemporâneos mobilizados pelas TICs, está no centro de nossas preocupações para entendermos o papel da imagem no contexto político contemporâneo.

Interessa-nos o campo da imagem por considerarmos frutífera a sua associação com o campo da política, por entendermos que o sujeito político é um sujeito guiado pelas emoções. Sendo assim, propomos compreender as possíveis construções de sentido das imagens nos protestos contemporâneos. Se a luta que está sendo estabelecida em diversas partes do mundo tem sido contra grandes instâncias de poder, como o “capital”, o “Estado” e a “mídia”, consideramos que possamos trabalhar alguns significados construídos pelas imagens nos protestos brasileiros, mostrando continuidades com outros movimentos anteriores (Silva, 2012; 2013), assim como evidenciar algumas particularidades do caso brasileiro. Além disso, as imagens são parte intrínseca das ações desses movimentos, pois perfazem boa parte dos conteúdos produzidos. São também fruto da potência criativa dos ativistas, como nos coloca Castells:

O poder das imagens, assim como das emoções criativas provocadas pelas narrativas, ao mesmo tempo mobilizadoras e tranquilizantes, produziram um ambiente virtual de arte e significado no qual os ativistas do movimento podiam confiar para se conectar com a população jovem em geral, transformando assim a cultura em instrumento de mudança política (CASTELLS, 2013:85).

Feitas essas observações, é importante ainda deixar claro que o campo que gera a discussão dos movimentos sociais no Brasil é o mesmo que permeia a problematização de outros movimentos sociais contemporâneos anteriores, dos quais a Primavera Árabe é um dos mais significativos. Em todos eles, nota-se o potencial político da produção de imagens que circulam em rede. É essa característica, além de tantos outros paralelos que poderiam ser traçados entre esses movimentos é que gostaríamos de explorar a partir de agora.

Movimentos no Brasil

Em junho de 2013, presenciamos uma série de manifestações pelo Brasil que surgiram, a princípio, como uma surpresa para a maioria dos governantes, mídia especializada e também a própria população. Nos dias que sucederam os primeiros atos, o discurso navegou do deslumbramento com as massas em polvorosa às críticas com os atos violentos que seguiam noite adentro depois das manifestações pacíficas.

Aos poucos, os principais atores dessas manifestações foram sendo desvendados, assim como suas demandas. A articulação inicial foi dada pelo *MPL* (*Movimento Passe Livre*) que, apesar da ampla visibilidade que ganhou com os protestos de junho, é uma organização que já desde 2005, quando foi fundado no *Fórum Social Mundial* em Porto Alegre, defende a melhoria do transporte público, assim como sua gratuidade. Em junho, o *MPL* de São Paulo organizou passeatas contra o aumento da tarifa na cidade, desencadeando movimentos similares por centenas de cidades no país.

A rápida replicação do que estava acontecendo em São Paulo foi possível graças à própria articulação em rede do *MPL*, que conta com coletivos em outras cidades no Brasil. A partir desses núcleos, protestos similares foram organizados, utilizando-se como base plataformas de redes sociais na internet.

Paralelamente à principal reivindicação dos manifestantes, atuou com grande destaque também o grupo *Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação)*. Ele surgiu em 2011, a partir do *Circuito Fora do Eixo*, reunião de coletivos que trabalha na área cultural por todo o Brasil. Organizado em rede, o circuito dispõe de espaços coletivos permanentes (as chamadas *Casas Fora do Eixo*), mantendo-se por meio de organização de eventos culturais e o compartilhamento de recursos financeiros gerados pelos participantes. As coberturas iniciais foram de eventos como a “Marcha da Maconha” e o evento “Existe Amor em SP”. Em 2012, o grupo enviou dois correspondentes ao Mato Grosso do Sul, para cobrir os protestos dos índios guarani-kaiowá (Bressane, 2013). O principal meio de divulgação é o canal de transmissão ao vivo pela internet *Pós-TV*³, em que os participantes do *Mídia Ninja* transmitem em tempo real os eventos que presenciam. Em 2013, com as manifestações de junho, o site tornou-se um dos principais instrumentos de divulgação independente dos eventos.

No Brasil, assim como no resto do mundo, existem duas forças midiáticas convivendo na cobertura dos conflitos. De um lado, a mídia especializada (também chamada de corporativa, vertical ou, simplesmente, de “velha mídia”). Do outro, indivíduos ou grupos independentes (que por sua vez são chamados de mídia alternativa, horizontal ou livre) que cobrem os eventos com suas câmeras amadoras e transmissão via internet.

Sabemos, porém, que a experiência de qualquer cidadão no país passou pelo consumo desses dois tipos de conteúdos, pois os limites são muito tênues para serem marcados com definição. O que existe são discursos, nem sempre unânimes, que colocam tais modos de conteúdos em conflito. Alguns profissionais da grande mídia questionam o valor das informações transmitidas pelos ativistas, a falta de apuro e reflexão, além da não checagem das informações antes de transmitir determinadas opiniões. Já os ativistas acusam a mídia corporativa de falta de neutralidade, de dependência financeira de anunciantes e governo, além de ter um discurso retrógrado e pouco condizente com as novas gerações.

O debate é importante para sinalizar a presença de novos atores dentro do cenário midiático no Brasil e no mundo. Porém, em grande medida, é complexo, pois

³ Disponível em: <<http://canalpostv.blogspot.com.br>>. Acesso em 15 jul. 2014.

trata de conteúdos que o tempo todo estão em sinergia. Apropriações são feitas de ambos os lados e o resultado é o da pluralidade possibilitada pelo aumento das vozes que relatam um determinado fato. Como nosso intuito é entender a articulação das imagens nos levantes brasileiros de 2013, faremos a opção de observar a produção de imagens de ambos os lados, tentando com isso minimizar eventuais distorções que possam aparecer na análise. Para tanto, selecionamos duas fotografias sobre as manifestações de junho em São Paulo veiculadas pela *Folha de S. Paulo* e dois vídeos do Rio de Janeiro, um produzido coletivamente e outro veiculado pelo jornal *O Globo*, sem autoria clara.

Observaremos que no conjunto geral, as imagens mostram cenas captadas por repórteres fotográficos e ativistas, registrando o desenrolar dos fatos pelo país. Cumprem, em ambos os casos, como dissemos, com um papel similar de narrar os fatos. Porém, um olhar mais apurado pode nos colocar frente a um debate que dá às imagens em movimento um lugar particular, que pode nos auxiliar a entender melhor a mobilização social que ocorreu em sequência dos atos de violência policial.

São Paulo, 13 de junho de 2013

A análise dos fatos que se sucederam em São Paulo nessa data pode ser feita por meio de algumas imagens amplamente divulgadas durante os eventos. As figuras 1 e 2 foram divulgadas no mesmo dia, tão logo surgiram as denúncias de violência policial contra os manifestantes. Posteriormente publicadas também na mídia impressa, as imagens traduzem de forma significativa a mudança de postura por parte do governo que decidiu a partir daquele momento reprimir os protestos, que já estavam na sua quarta edição em São Paulo, desde o início de junho. A figura 1 mostra a jornalista da *Folha de S. Paulo*, Giuliana Vallone, atingida no olho juntamente com outro repórter fotográfico da mesma empresa. Simbolicamente, fere os direitos da livre imprensa e todo o histórico de censura que viveu nosso país. Em termos práticos, o ataque físico à imprensa induz a grande mídia à elaboração de uma opinião mais concreta sobre os acontecimentos, assim como aumentar o espaço para análise e informação dos protestos.

A figura 2 mostra um casal anônimo sendo agredido pela PM nas imediações do *MASP*, na Avenida Paulista. Segundo a legenda da foto no site da *Folha*, a PM exigia com o ato que o casal saísse dali naquele momento. Seleccionada como a principal dentre uma sequência de quatro fotos (todas veiculadas no site), a imagem sugere um conflito claro com personagens bastante delimitados. De um lado, o manifestante de classe média, vítima e acuado. Do outro, a PM, violenta (com os dentes à mostra, como um cachorro raivoso) e armada. Ao fundo, testemunhas (o público, o “povo”), assistem estarecidas e com as mãos sobre a boca à cena de repressão.



Figura 1. A repórter da TV Folha Giuliana Vallone, atingida durante o protesto no dia 13 de junho por uma bala de borracha (Diego Zanchetta/Estadão Conteúdo).

Disponível em: < <http://f.i.uol.com.br/fotografia/2013/06/13/287566-640x480-1.jpeg>>. Acesso em 15 jul. 2014.



Figura 2. Policial agride casal, durante manifesto do dia 13 de junho de 2013, na avenida Paulista.
(Imagem: Eduardo Anizelli/Folhapress)

Disponível em: < <http://f.i.uol.com.br/fotografia/2013/06/14/287642-900x548-1.jpeg>>. Acesso em 15 jul. 2014.

Para Lincoln Secco (2013), a divulgação da violência policial nos protestos do dia 13 colaborou em grande medida para o que se sucedeu no país. Antes do ato do dia 13, houve 3 outros atos (6, 7 e 11 de junho), com um número de manifestantes relativamente pequeno (os dois primeiros ficaram na casa de 2 mil). Já no ato do dia 17 de junho, houve a participação de cerca de 250.000 pessoas. Segundo o autor:

O ataque a jornalistas e a um movimento com a aparente composição social de “classe média” pode ter facilitado a solidariedade ao movimento. Acompanhando seu mercado, a direita midiática se viu forçada a apoiar os manifestantes – mas com sua própria pauta. Por isso, o decisivo não foi a violência, tão *natural* contra trabalhadores organizados, e sim sua *apropriação* pela imprensa. (SECCO, 2013:74)

Ao fazer isso, a mídia corporativa toca na essência dos medos que afligem a classe média. Por colocar os corpos como estão, mostra a condição de fragilidade a que todos estamos expostos, quando colocados numa situação-limite com as tecnologias de poder. Segundo Brian Massumi (1993), os indivíduos estão sujeitos às estratégias de biopoder na sociedade capitalistas e tais estratégias passam pela valorização do medo, como um elemento constantemente presente no dia a dia das pessoas. O que vai delimitar os medos a que cada um está sujeito é sua “idade, gênero, preferência sexual, raça, geografia ou qualquer número de distinções valorizadas socialmente” (MASSUMI, 1993:20).

As duas fotos, por terem sido selecionadas, divulgadas e interpretadas dentro do ambiente midiático corporativo brasileiro, recebem a “distinção valorizada socialmente” de “classe-média”. Ainda sob a lógica de Massumi, podemos dizer que o medo é então utilizado como uma estratégia de afronta ao poder executivo, representado pela figura da PM. Na sociedade neoliberal, o Estado deveria proteger, ou nas palavras de Michel Foucault, teria como tarefa “fazer viver e deixar morrer” (FOUCAULT, 2005, p. 287). Porém o que se mostra é que ele fere, e ao assim fazer, ultrapassa barreiras da violência “socialmente aceitável” que, como nos lembra Lincoln Secco, passa pelo julgamento de classe no Brasil.

Enquanto as fotografias acima nos fazem refletir sobre o potencial político-estético que despertou a simpatia da classe média para com os eventos, observamos

que no caso das imagens em movimento que selecionamos, há uma construção narrativa que desafia também os sentidos. São vídeos produzidos e editados colaborativamente pelos ativistas durante a cobertura dos eventos ou publicados sem cortes nem edição, gerando um material bruto que gera credibilidade.

A contraposição simplista e tão comumente feita durante os eventos de 2013 entre imagens feitas por profissionais (no caso das fotografias mencionadas acima) versus imagens produzidas por cidadãos comuns, enfatizando positivamente as segundas por serem essas produzidas em um ambiente neutro, independente e participativo pode ser um tanto quanto arriscada, no momento em que inserimos juízo de valor sobre signos que disputam a atenção da audiência. As primeiras levam vantagem, pois têm o favorecimento de sua repercussão em mídias de grande de circulação, enquanto que as segundas têm divulgação mais limitada, ainda que constantemente apropriadas pela mídia corporativa, principalmente a televisiva.

Nossa análise, porém, tentará fugir dessa dicotomia enfatizando, sem contrapor, os modos de produção das imagens em movimento dos protestos. Até porque em um dos exemplos dos vídeos não fica clara para nós a autoria do vídeo. Dessa forma, faremos uso de dois exemplos que também ganharam repercussão por envolver denúncias que questionavam a atividade da polícia durante os protestos, dessa vez no Rio de Janeiro.

Colaboração e flagrantes no Rio de Janeiro

O primeiro exemplo trata-se de um confronto ocorrido entre a polícia do Rio de Janeiro e os manifestantes no dia 23 de julho de 2013. A passeata, que começou de forma pacífica, saiu do Largo do Machado em direção ao Palácio de Guanabara, sede do governo. Lá o papa Francisco, em visita ao Brasil, recebia as boas-vindas das autoridades. A PM montou um bloqueio para impedir o acesso dos manifestantes. Quando esses derrubaram as grades que bloqueavam o acesso, começou o confronto. Um episódio em particular chamou atenção durante esses conflitos. Um coquetel *molotov* é atirado em direção à PM e esta, prontamente, contra-ataca. Várias pessoas são presas, mas apenas o manifestante Bruno Ferreira Teles passa a noite na delegacia, acusado de porte de coquetéis. Na manhã seguinte, com o apoio popular e falta de evidências, a defesa de Bruno consegue o *habeas corpus*.

O fato seria mais um entre tanto casos de conflito entre polícia e manifestantes não fosse um detalhe: o vídeo⁴ produzido colaborativamente pelos manifestantes que cobriam o evento. Por meio da reconstrução das cenas, em ordem cronológica, os ativistas propuseram uma narrativa que mostra que haviam policiais infiltrados entre os manifestantes. Entre eles, uma dupla de PMs teria atirado o coquetel contra seus colegas. A cena é registrada, mostrando um sujeito com o rosto coberto e com camiseta preta estampada auxiliado por outro para acender o artefato. Em seguida, os fragmentos de vídeo mostram de vários ângulos a mesma cena: um dos PMs tira a camiseta, enquanto seu parceiro carrega uma mochila. Passam então pelo bloqueio policial, identificando-se. O áudio original é preservado na maioria das vezes, contribuindo para a ideia de multiplicidade de vozes, assim como para manter a referência testemunhal dos fragmentos de vídeo. Em seguida, outros vídeos mostram a acusação da PM contra Bruno e sua prisão⁵.



Figura 3. Fragmento do vídeo colaborativo que sugere a participação de policiais no lançamento de coquetel *molotov* contra a própria PM

O segundo vídeo⁶ que selecionamos mostra a dificuldade de realizar uma análise contraponto mídia corporativa e mídia alternativa, pois os discursos estão o tempo todo se fundindo, criando narrativas híbridas, com conteúdos que fazem auto-referência uns aos outros. Trata-se de um vídeo divulgado pelo jornal *O Globo*, que

⁴ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OC_rns9bSG0>. Acesso em 14 jul. 2014.

⁵ Até o momento de conclusão desse artigo, o que se pode apreender é que a acusação contra os policiais estava sendo investigada, mas nada havia ainda de fato sido comprovado.

⁶ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jLy_IFgISsA>. Acesso em 14 jul. 2014.

mostra, numa sequência única de pouco mais de quatro minutos, a abordagem de policiais a um grupo de manifestantes durante os protestos dos professores da rede municipal do Rio de Janeiro em 01 de outubro de 2013. Não fica clara a autoria do vídeo, mas este poderia claramente ter sido produzido por um ativista (ou um “jornalista independente”) e posteriormente divulgado pelo jornal ou mesmo por um cinegrafista profissional. O material foi divulgado de forma bruta, sem edição ou narrador oculto. A única intervenção foi a inserção do logotipo do jornal no canto esquerdo da tela.

Por meio de vídeo, podemos notar que a cena é novamente registrada por várias pessoas em ângulos diferentes. A câmera que dá origem ao vídeo em questão flagra com precisão o momento em que o policial derruba um morteiro na frente de um adolescente que estava sendo revistado, como forma de justificar sua prisão em flagrante. Logo em seguida, um outro policial, que mais tarde seria identificado como o major Pinto, dá voz de prisão ao manifestante. A cena que se segue é de indignação dos manifestantes, que acompanham a polícia caminhando pelas ruas do centro na tentativa de evitar a prisão do colega. O vídeo gerou o afastamento dos policiais de suas funções até o momento em que o inquérito fosse concluído.



Figura 4. Fragmento de vídeo que mostra policial militar atirando morteiro no chão.

Os dois exemplos de imagens em movimento acima nos conduzem a refletir sobre o potencial político dessas imagens, quando comparadas ao primeiro bloco de imagens estáticas. Enquanto que nas fotografias analisadas, parece haver uma marcação dos lugares, em que ficam claros os papéis de opressor da polícia e de vítima dos manifestantes, no caso dessas imagens em movimento esses lugares não

estão tão claros. Nas fotos que utilizamos como exemplo, a vítima é exibida como frágil, inscrita dentro das circunstâncias de opressão da qual não pode escapar. Nesse sentido, são imagens que estão inseridas dentro das políticas do medo que vão politizar os espaços midiáticos dessa forma, provocando, como já argumentamos, a identificação da audiência com os movimentos por meio de narrativas de medo.

Já nas imagens em movimento selecionadas, o que observamos é a proatividade dos sujeitos que figuram como o lado oprimido das cenas exibidas. No caso do vídeo colaborativo mostrando a ação do coquetel *molotov*, o sujeito narrador é múltiplo e não aparece. Está oculto por trás das câmeras. Age como uma espécie de “grande irmão” às avessas, monitorando de forma onipresente os movimentos dos policiais. A narrativa, criada da forma como foi, ganha poder e desconstrói a ideia do oprimido passivo. Ainda quando Bruno Teles é mostrado estirado ao chão e depois preso, a cena ainda assim é de resistência. As câmeras brigam por espaço e registram as vozes de seus donos confrontando a política e sua atitude intransigente.

No segundo vídeo, temos a impressão de um cerco criado em torno da polícia por diversos manifestantes que filmam a cena com seus celulares. Direccionam suas falas para sugerir à polícia o que pode ou não pode ser feito. A câmera na mão aqui é um instrumento de poder, serve de artifício e, como notamos principalmente neste caso, como prova de ação que foge da conduta correta por parte da polícia. Esse poder é transformado em coragem que faz com que o sujeito que filma não se acue diante da polícia, seguindo-a enquanto esta carrega um dos integrantes do grupo.

Nesse aspecto, gostaríamos de propor que o que essas imagens estão produzindo é uma transformação nos modos de subjetivação dos sujeitos políticos que agem pelas redes de comunicação. Elas criam narrativas que os colocam como sujeitos ativos das ações e que tornam menos claras as fronteiras entre opressor e oprimido. Funcionando dessa forma, contribuem para um reordenamento dos elementos visuais em circulação e, conseqüentemente, para o potencial de transformação da conduta dos próprios indivíduos.

A reinvenção do sujeito e a volta à natureza

Massumi já defendia a necessidade do sujeito se reinventar a fim de fugir das amarras do poder político construído por meio do medo. Ainda que não seja possível nos separarmos do medo, para o autor é necessário “reinventar a resistência”. (Massumi,1993:ix).

O que observamos é que as imagens em movimento nos propõem possibilidades para essa reinvenção. Isso se dá em função da criação de espaços para a manifestação de um sujeito ativo digital, em contraposição à passividade característica da sociedade de massas.

Essa transformação pode ser observada em função da proliferação de vozes (tão claramente observada no segundo vídeo, com diversas câmeras ligadas ao mesmo tempo), transformando o aparelho de registro em instrumento de poder. Os sujeitos ativos desafiam a conduta policial, investigam e questionam o que presenciam. Tal proliferação de vozes possibilitou, como vimos, que histórias fossem recontadas e condutas errôneas fossem desmascaradas.

Além disso, compreendemos que a forma de fazer política nesses casos está vinculada à existência biológica dos sujeitos. Notamos uma espécie de selvageria, uma volta à natureza, quando observamos não só o registro, mas também a ênfase dada a momentos em que o corpo é posto em risco. Em um outro vídeo⁷ também de junho de 2013, por exemplo, uma ativista filma policiais trocando de roupa atrás de um camburão estacionado no meio de uma avenida. Ela narra a cena como uma prova de que os policiais estavam se infiltrando entre os manifestantes. Em seguida, um deles nota a filmagem e começa a perseguir a ativista. O que se segue é uma cena de corrida, câmera trêmula e o som de respiração ofegante. Ao fundo, ouve-se a voz do policial. Ela então se esconde ao lado de alguém e comenta: “Tem um policial correndo atrás de mim”. Arriscar-se, nesse sentido, é um ato político. É um desafio às estratégias políticas do medo.

O que podemos notar na série de manifestações políticas em que se verifica a articulação de cidadãos por meio das TICs é uma profunda crise política na representação democrática. Desde o Irã em 2009, passando pelos eventos na

⁷ FLAGRANTE POLICIAIS INFILTRADOS NA MANIFESTAÇÃO 17-06-13 #EstamosDeOlho. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=lckL_dC_yck>. Acesso em 15 jul. 2014.

Primavera Árabe (2010-2011), o movimento dos Indignados na Espanha (2011) e o Occupy Wall Street (2011) nos EUA, até chegarmos no Brasil em 2013, notamos que há uma grande insatisfação dessas populações com os modelos de representação política que as cercam, da mesma forma como expressam os sinais claros de esgotamento do modelo econômico sustentado pelo capitalismo global.

São em momentos de crise como esse que vivenciamos agora que parece haver um apego dos indivíduos ao que lhe é elementar, simples, que é a sua própria natureza. Natureza essa que, para Michel Maffesoli (2010), funciona como elo entre os indivíduos, pois é a partir dela que o senso de comunidade é criado. O autor fala de coisas ligadas à “cultura popular e a multiplicidade das práticas cotidianas, especialmente as juvenis, que vivem serenamente num cosmos cujos diversos elementos entrecruzam-se harmoniosamente” (MAFFESOLI, 2010:102).

Nesse sentido, o apelo estético de vídeos produzidos em manifestações de conteúdos que exploram fatores elementares da natureza, favorece o senso de comunidade e a sensação de pertença. A fuga, a respiração ofegante, o corpo em risco (de morte, de prisão e de flagelo) são exemplos da exploração estética desses elementos. São maneiras de demonstrar que o simples fato de existir, de estar presente fisicamente, seja por meio de uma ocupação em uma praça em Madrid, seja pelo testemunhar de uma cena de violência, são em si atos políticos. Lembrando o conceito de “estética da existência” de Michel Foucault, Maffesoli vai dizer que:

(...) toda a educação moderna constitui em domar, bem cedo, a juventude e dela extirpar todo aspecto natural, toda selvageria. A tirar tudo que é da origem, portanto original. Ou, empiricamente, de uma maneira vivida, no seio dessa simplíssima vida cotidiana, vê-se reaparecer o “devir-animal” que fica camuflado no cérebro reptiliano de cada um e da sociedade em seu conjunto. Todas coisas próximas do que Michel Foucault chamava de *estética da existência*, que se opõe ao poder biopolítico. Deslocamento que se transplanta do Ocidente, lugar da dominação, para o lado oriental. (MAFFESOLI, 2010:108)

Assim, o que se nota é que o “devir animal” reaparece nas manifestações políticas recentes por todo o globo e a exploração da “carne” em ação transforma-se em um potencial estético muito presente nesses eventos.

Há que se notar também que as imagens desse corpo físico político que age nas manifestações são compartilhadas em redes a partir das TICs. Nas redes, os afetos

trabalham não em função de um enraizamento, de uma localidade, mas na ordem de fluxos. Sobre a relevância das imagens nesses ambientes, Castells vai dizer que:

Os movimentos (...) têm origem num apelo à ação proveniente do espaço de fluxos, que visa a criar uma comunidade instantânea de prática insurgente no espaço dos lugares. A fonte do apelo é menos relevante que o impacto da mensagem sobre receptores múltiplos e inespecíficos, cujas emoções se conectam à sua forma e a seu conteúdo. O poder das imagens é soberano. (CASTELLS, 2013: 162)

Nesse aspecto, são construídas “redes imaginadas” que promovem o sentimento de partilha entre os indivíduos nelas conectados. As redes são para Wendy Chun (2011) o espaço por excelência da atuação de uma potência localizada em seus usuários que estão prontos para se mobilizar, em iminência constante. Segundo ela as redes:

(...) enfatizam o fluxo, o movimento, a adição e a eliminação constante de conexões: elas enfatizam os relacionamentos, e não as identidades”. As redes ainda “estruturam-se na crise – em uma série de “agoras” ou de “agoras” em potencial – e não na atemporalidade. (CHUN, 2011: 111)

Assim, a crise, que para Maffesoli promove o retorno à natureza e à essência humana, encontra-se com a crise causada pela constante necessidade de questionamento da realidade promovida pelas redes, uma vez que os indivíduos nela inseridos são encarados como “multidões inteligentes” capazes de refletir e questionar sua realidade constantemente.

Na crise, a elaboração de narrativas cujo corpo biológico é posto em evidência colabora com a ideia de “rede imaginada”, pois favorece a partilha de um sensível (Rancière, 2005) ou, nas palavras de Maffesoli (2010: 184), estimula a “sensibilidade ecológica” dos indivíduos em rede. Dessa forma, favorecem a mobilização orquestrada da multidão em eventos como os que presenciamos no Brasil. Além disso, o fato de serem imagens em movimento que valorizam a ação do corpo e subvertem as relações entre opressor e oprimido, faz com que os vídeos também favoreçam esse sentido de poder e de potência dos usuários em rede.

A potência e o vigor da natureza humana que estão sendo evidenciados por meio das redes imaginadas encontram, em contrapartida, uma característica que lhes coloca em um cenário particular. Chun (2011) fala de um “efêmero persistente” que seria característico das redes. Um eterno retorno de mobilizações que são importantes no momento em que acontecem, mas que em pouco tempo se esvaem. Para a autora,

este processo faz parte de uma transformação, ainda que não muito certa em seu formato concreto futuro.

Conclusões

Em grande medida, diversos autores concordam que esses movimentos políticos de mobilização social pelas redes, intensos e efêmeros na sua essência, têm como importância a demonstração de uma crise de representação e do esgotamento do modelo econômico-financeiro por que passam as sociedades contemporâneas.

A não concretização das propostas não significa um fracasso perante as instâncias de poder já estabelecidas, mas sim a evidência de uma crise e da necessidade urgente de se repensar as práticas políticas, econômicas e sociais das nações. Ao colocar em destaque seus corpos em ação, os ativistas compartilham com a rede a potência existente na essência humana e a necessidade de haver esse resgate, como propõe Maffesoli (2010).

Talvez seja justamente esse o caminho para a reflexão das bases que reordenarão a ideia de democracia e representação política daqui em diante.

Referências

- BRESSANE, Ronaldo. Guerra dos memes. **Revista Piauí**, junho de 2013. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>>. Acesso em 19 nov. 2013.
- CARVALHO, Janaína. Após suspeita de flagrante forjado no Rio, PMs são afastados de protestos. **G1**, 3 out. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/apos-suspeita-de-flagrante-forjado-no-rio-pms-sao-afastados-de-protestos.html>>. Acesso em 26 nov. 2013.
- CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.
- CHUN, Wendy Hui Kyong. Imaginando Nômades. In: BEIGUELMAN, Giselle e LA FERLA, Jorge (org.). **Nomadismos Tecnológicos**. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.
- MASSUMI, Brian. Everywhere you want to be: introduction to fear. In: MASSUMI, Brian (ed.). **The Politics of Everyday Fear**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- PM é acusada de infiltrar policial sem farda em protesto no Rio. **G1**, 23 jul. 2013. Disponível em: <<http://m.g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/pm-e-acusada-de-infiltrar-policial-sem-farda-em-protesto-no-rio.html>>. Acesso em 26 nov. 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.

SECCO, Lincoln. As jornadas de junho. In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SILVA, Tarcísio Torres. **Estéticas políticas da tela: ativismo e o uso da imagem em redes de comunicação digital**. Campinas: UNICAMP, 2013. 212 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

_____. **Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais**.

Revista Galáxia, São Paulo, n. 23, p. 35-47, jun. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7019>>. Acesso em 14 nov. 2013.